



FIO DE PRUMO



Paulo Morais
Professor universitário

O desastre educativo

O sistema educativo está em agonia. O número de alunos que se candidata ao ensino superior público diminui, face à perspectiva do desemprego no final das licenciaturas. As universidades privadas estão em crise profunda, provocada pelas dificuldades financeiras das famílias; mas também pelo declínio da procura de cursos por adultos em busca de valorização das suas carreiras. Fecham colégios um pouco por todo o País. Na escola pública, aumenta o número de alunos por turma, limita-se a entrada das crianças no ensino básico, as medidas anti-pedagógicas são regra. Há despedimentos. A ordem é poupar de forma cega e sem critério.

O problema tem raízes profundas e muitos carascos. Os ministros de vários governos foram pródigos em erros. Manuela Ferreira Leite aumentou brutalmente os salários dos docentes em final de carreira, assim comprometendo a sustentabilidade das suas reformas. Roberto Carneiro e Oliveira Martins endeusaram as teorias das escolas superiores de educação, o “eduquês”. Lurdes Rodrigues embarcou num despesismo louco, com a compra de computadores Magalhães e as constru-

ções faraónicas da ‘Parque Escolar’. Todos pactuaram com negócios pouco claros, sob a forma de convenções atribuídas a grupos privados de educação com ligações partidárias. Foi a era do despesismo sem regra e sem limite. As melhores no ensino foram túbias, não obedeceram a qualquer estratégia e ficaram muito aquém da despesa realizada.

A expectativa com a chegada de Nuno Crato ao governo era enorme. Crato era um crítico do “eduquês”, em particular da infantilização de alunos e professores. Abominava o sobrepenso dos sindicatos. Anunciou o fim do domínio do “lobby” corporativo instalado no ministério, na avenida “cinco de Outubro”. Dois anos volvidos, a decepção é total. À era da despesa sem critério, sucedem-se agora os cortes sem critério. Crato submeteu-se e pactua com um Estado que deveria poupar nas parcerias público-privadas, nos juros da dívida ou numa defesa sem estratégia. Mas que economiza na educação e compromete (ainda mais) o futuro do País. Crato subtraiu a educação à influência dos manda-chuvas da “cinco de Outubro”, para se subjugar aos mangas de alpaca do Ministério das Finanças.

Crato submeteu-se e pactua com um Estado que deveria poupar nas parcerias público-privadas